

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Imparcial

Class.: _____

Data: 16.12.67

Pg.: _____

Índio Sepé Tiarajú

No chão bruto em que o sangue de Sepé se misturou à terra selvagem do Rio Grande, ali está, como um grito de pedra, o obelisco que Rolino Leonárdo Vieira mandou levantar à consagração do Índio, na data justa e no justo local em que a história registrou, há dois séculos e um lustro, a Batalha de Caiboaté.

Da poça humilde do sangue de Sepé, vertido do flanco aberto pela lança portuguesa e da frente fendida pelo tiro de misericórdia de uma granada espanhola, brotou uma flôr de pedra, na forma de uma ponta de lança, de granito crioulo, plantada sob o céu amplo e generoso da fronteira.

Sei que nascerão umbús em torno do monumento. E que ali se fará uma praça, em pleno pampa, para o pouso das carrêtas andari-lhas, que virão de tôdas as distâncias do Rio Grande. Nas noites de lua de verão, Sepé ouvirá as queixas das acordeonas e um poeta teatino há de cantar, à sombra da lança monumental de pedra, a epopéia crioula da Batalha. A figura do índio há de surgir das árvores marginais do rio, para ouvir a voz do cantor andarengo. E antes que o sol des-ponte no friso da coxilha, onde o céu se mistura com a terra, Sepé dará vida às novas lendas gabrielen-ses: repontará o gado para as restingas e galopará, no seu tordilho, à frente da cavahada, animando os campos com o bater dos cascos das troilhas e pondo reflexos de lua no espelho das águas mansas, das lagoas paradas.

Inquieto e vigilante, êle ali parou, na fronteira aberta, na vida da legenda. Sua figura é familiar à His-

tória comum de todos os galpões. E se um pé-de vento levanta a poeira, num corrupio de espirais, à hora quieta do meio dia, è o Índio que passeia pelo campo morno e adormecido, agitando os pastos de trevo e flexilha ou sacudindo os caponetês cigarentos, onde a cigarra, na monotonia de seu rac-rac, convida uma orquestra invisível para a grande sinfonia das plantas, batidas de sol.

Se o cavalo parado, no tópo da coxilha ou no ventre da canhada, levantar, como pontas de tesoura, as orelhas, arfar nas narinas e distender a cola como um penacho de parada, e, numa corrida desabalada, pisar, com a ponta do casco apenas o chão da querência, como se tivesse medo de feri-lo, è Sepé que vai montado no seu lombo, a vencer as distâncias que são suas, defendidas com seu sangue e o sacrificio de sua vida.

Nesse chão bruto, povoado de duendes, chão onde o Negrinho do Pastoreio revira os formigueiros profundos, chão por onde se arrastará o boitatá com o ventre grávido de olhos fosforescentes, chão de almas penadas e correntes que gemem nas entranhas das restingas, Sepé comanda a imaginação, porque Sepé è o mito a cavalo, o Santo Cristo da terra pagã, o São Jorge crioulo que das milicias indígenas passou para as milicias do céu.

Sepé tem agora seu monumento. Vai chegar-se à sombra do granito. Vai ler seu nome em bronze. E quando houver a ramagem dos umbús, Sepé oferecerá a todos os viajantes, cansados de todos os caminhos, o abrigo de uma sombra.